



FEMINISMOS NEGROS E MULHERISMO AFRICANA

Organização:
Ayni Estevão de Araujo



FEMINISMOS NEGROS E MULHERISMO AFRICANA
Copyright © 2026 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Preparação: **Samara dos Santos Reis**
Revisão: **Michelle Campos**
Capa e projeto gráfico: **José Rodolfo Arantes**
Diagramação: **Natalia Aranda**



Selo Negro Edições
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.selonegro.com.br>
e-mail: selonegro@selonegro.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação da coleção	7
Dagoberto José Fonseca	
Apresentação deste volume	11
Ayni Estevão de Araujo	
1. Princesas brancas, rainhas negras: outras mulheres, outras nobrezas.....	17
Kaká Portilho	
2. Mulheres negras em entrançamento: intimidades e alianças contra a casa-grande de ontem e de hoje.....	37
Flávia Alessandra de Souza	
3. Negras lésbicas: uma escrita de nós.....	61
Ana Cristina Conceição Santos e Maria Aparecida Silva	
4. Meu corpo, meu parto, nossa porta: mulheres negras sagradas e portadoras de ancestralidade	83
Elisângela de Jesus Santos	
5. Mulherismo africana: o homem meu igual na mesma jornada?.....	107
Ayni Estevão de Araujo	
6. Sociedade e cultura em risco: estupro de minha mãe na África e na América	129
Rosicler Lemos da Silva e Zurema Domingos Mutange	
7. Meus medos e minha coragem são tão antigos quanto a terra: feminismo negro diaspórico	147
Giselle dos Anjos Santos	
8. “A gente combinamos de não morrer”: sobreviver para existir.....	173
Joanice Santos Conceição e Carmem Lúcia dos Santos	

Apresentação da coleção

A **Coleção África, presente! Negritude e luta antirracista** nasce do esforço sincero, do desprendimento e da humildade de intelectuais, estudiosos, pesquisadores e professores de diversas universidades e instituições de pesquisa científica e de ensino universitário do Brasil e do exterior. A meta é problematizar, ampliar, aprofundar, construir diálogos e produzir um maior conhecimento científico sobre séculos de história, contando para isso com autores oriundos de inúmeras e variadas comunidades étnicas e culturas presentes no Brasil e em outras regiões do planeta, especialmente no continente africano.

Inspirada na Coleção História Geral da África, trabalhada desde 1964 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a presente coleção pretende ser um espaço de produção e divulgação do pensamento não hegemônico acerca de africanos, afro-brasileiros e indígenas, construindo assim novas categorias, outras metodologias, interpretações pioneiras, análises inéditas e conceitos autênticos da nossa realidade social.

Assim, visa legitimar o pensamento destituído de paradigmas, conceitos e metodologias euro-ocidentais e se contrapor a essas bases que tanto contribuíram para fomentar e aprofundar os racismos e suas vertentes mais funestas em todas as esferas da sociedade. É nosso objetivo também propiciar a reescrita da história dos povos escravizados — inclusive antes da chegada dos conquistadores europeus —, a fim de sistematizar os valores civilizatórios, as culturas e as formas de expressão dessa humanidade inegavelmente filha da África.



Problematizar o etnocentrismo presente na diversidade de instituições, teorias e métodos da ciência é um dos motes desta coleção, sobretudo porque boa parte do conhecimento que foi difundido e abrilhantou pessoas, instituições e agências do pensamento euro-ocidental foi aprisionada, sequestrada, pirateada, surrupiada e traficada, na maioria dos casos usurpada de forma violenta. Mais tarde, esse conhecimento se transformou em produtos patenteados em algumas poucas nações, autodenominadas desenvolvidas — as mesmas que vivenciaram por séculos a compra de corpos e de saberes de outros povos originários e de grupos étnico-raciais presentes na América, na Ásia, na Oceania, na Europa eslava e, em especial, na África.

Dessa forma, os autores desta coleção, individual e coletivamente — cada um a seu modo, mas com rigor acadêmico e científico —, estão construindo cultural e politicamente uma crítica à razão euro-ocidental e abrindo um canal epistêmico para a sistematização de uma contra-hegemonia de base negra-indígena, questionadora da ciência brancocêntrica euro-americana-ocidental. Assim, trata-se de uma fortaleza dinâmica que se projeta contra os racismos embasada na ciência, com teorias sustentáveis, evidências e inferências legítimas e análises fidedignas.

É importante desfazermos erros e pseudoverdades científicas que foram construídos por séculos a fim de suprimir corpos, subjugar povos e escravizar mentes com base no uso de uma ciência cujo objetivo principal sempre foi manipular fatos em prol da hegemonia de um pequeno grupo de pessoas, quase sempre brancas. Em suma, aqui reunimos o trabalho de pesquisadores e intelectuais de diversas áreas e nacionalidades que se dedicam a construir uma nova identidade coletiva pautada nos valores civilizatórios das negritudes antigas e novas, bem como nas lutas antirracistas que têm sido protagonistas no continente africano e nas inúmeras Áfricas que estão em tantos corpos e mentes mundo afora.

Das imemoriais pinturas rupestres aos antigos escritos decodificados em papiros, pergaminhos, paredes de rochas e cavernas, nas pedras — como no caso da Pedra de Rosetta —, e as publicações científicas atuais, impressas e digitais, revelam como o conhecimento científico produzido em vastas regiões do planeta nos leva ao legado africano para toda a humanidade de ontem, de hoje e de amanhã. Ainda assim, muitos são os que desconhecem essa realidade, sobretudo por não terem tido a oportunidade de aprender essa verdade

quando eram estudantes dos diversos níveis de ensino. Nem mesmo no continente africano crianças, jovens e adultos têm acesso a essas informações e a uma formação que forneça essa aprendizagem.

É importante salientar que se construiu ao longo de séculos uma invisibilidade e um silêncio sepulcral perante o conhecimento científico, tecnológico, cultural e filosófico africano. Tanto que as conquistas e contribuições de autores como Cheikh Anta Diop ainda são vistas como ousadas em pleno século 21 por apresentarem as ricas e vigorosas dinastias do Egito antigo — ou melhor, as civilizações que fizeram o grande império do Kemet florir em todo seu apogeu na África setentrional e que impactam até hoje o pensamento contemporâneo, atingindo em cheio a Europa, a Ásia, a Oceania e a América.

Talvez uma das formas mais emblemáticas para superar esse desconhecimento abissal sobre a centralidade africana no conhecimento humano seja justamente começarmos a repensar nossa condição social, psíquica e cultural de animal que fomos, somos e estamos, como já apontaram diversos cientistas — de Charles Darwin, com sua teoria da origem das espécies, em uma perspectiva evolucionista, a Edgar Morin, com seu método da complexidade. Há também os avanços tecnológicos e a certeza dessa verdade insofismável que nos foi dada pelos resultados colhidos em definitivo pelo Projeto Genoma e tornados públicos pelos pesquisadores James D. Watson, Felipe Fernández-Armesto e Luigi Luca Cavalli-Sforza, entre outros, sobre nossa monogenia — isto é, nossa origem comum africana.

Dagoberto José Fonseca

Apresentação deste volume

Este livro é feito de encontros. Seus capítulos, a princípio desenvolvidos com base em propostas iniciais, (re)moldaram-se tal como água por meio de experiências, concepções e percepções diversas de ser/estar no mundo enquanto mulher negra, africana, amefricana, afropindorâmica.

É nesse horizonte de encontros que se inscreve também o título desta coletânea: *Feminismos negros e mulherismo africana*¹. A escolha do plural não é casual. Ao contrário, afirma desde o início a recusa de uma narrativa única ou de uma teoria totalizante capaz de abarcar a complexidade das experiências históricas, políticas e afetivas de mulheres negras em diferentes territórios do mundo. Se há um ponto de convergência entre as autoras aqui reunidas, ele se encontra justamente no reconhecimento de que as experiências de gênero vividas por mulheres negras são atravessadas por múltiplas camadas de história, cultura, ancestralidade, espiritualidade, comunidade e luta, produzindo perspectivas diversas de investigação e agência política.

1. O uso do termo “mulherismo africana” segue a formulação proposta por Clenora Hudson-Weems, criadora do conceito de *Africana womanism*. Nesse contexto, o “a” final em *Africana* não indica marca de feminino em oposição ao masculino, mas remete a uma categoria plural e abrangente, que inclui mulheres do continente africano e além dele, compreendidas como parte de uma mesma comunidade histórica, cultural e política. A opção por essa grafia advém da tradição etimológica do latim, em que a terminação *-a* pode funcionar como marca de plural em determinados usos e declinações.



Ao evocar feminismos negros e mulherismos africanos, não se pretende estabelecer um debate direto entre duas perspectivas, nem propor uma contraposição entre elas. Antes, trata-se de reconhecer que as reflexões aqui reunidas atravessam campos de pensamento que dialogam com essas abordagens, ainda que a partir de múltiplas temáticas e experiências.

Nessa esteira, afirmar que “gêneros são plurais” não se limita a uma constatação descritiva sobre a diversidade das experiências de mulheres negras. Trata-se também de um posicionamento epistemológico e político que reconhece a multiplicidade de caminhos pelos quais mulheres negras têm pensado, vivido e transformado o mundo. Nesse sentido, o plural anuncia um campo de reflexão tecido por vozes diversas e experiências coletivas que se entrelaçam, tensionam-se e se fortalecem mutuamente.

Assim, se objetivamente o presente volume foi escrito pelas mãos de dez mulheres negras, há a presença de muitas outras no curso desses rios. Poder-se-ia dizer que, no conjunto, mais parecem formar uma encruzilhada, não de quatro, mas de muitos caminhos que se entrecruzam em alguns momentos, divergem em outros, costuram teorias, métodos, perspectivas, e, juntos, constroem uma fértil jornada.

Em comum, os capítulos aprofundam questões engendradas nas múltiplas experiências de mulheres negras no Brasil, na América Latina e em África. Além disso, apesar de abordarem temas diferentes, fazem-no “de dentro”. As experiências pessoais não são excluídas do processo de reflexão e do fazer científico; não se encontra aqui uma falsa pretensão de neutralidade. O que se apresenta, no decorrer deste volume, é uma multiplicidade de pontos de vista, abordagens teóricas e experimentações metodológicas.

Herdeiras de Lélia Gonzalez (entre muitas outras), as mulheres negras na academia escrevem com a ousadia e a coragem de quem sabe que muitas vezes os conceitos prontos não dão conta das realidades concretas que descrevemos. Portanto, é necessário reinventá-los, explorar novas saídas, movimentar teorias e métodos de modo criativo, em vez de nos encerrar em caixas fechadas.

Os textos tecidos pelas mãos de mulheres negras carregam a garra dos movimentos sociais e das marchas — e têm o punho em riste. Mas trazem também o afeto de memórias amorosas e profundas, que se dão como reverência a quem veio antes. Celebram, ainda, a vida comungada coletivamente e de mãos

dadas, por meio de escrevivências que emocionam, na medida em que humanizam quem diz e quem escuta. Há, enfim, divergências teóricas importantes que coexistem, sem que isso impeça a luta coletiva.

Quem abre os caminhos desta jornada é Kaká Portilho, que nos convoca a iniciar a viagem por/para/de dentro. Ao nos tomar pela mão, convida-nos a desvendar camadas profundas que compõem nossa subjetividade. O que reencontramos nessa viagem conduzida é nossa própria matéria: a história ancestral tecida no encontro de dois grandes berços civilizatórios que se fundem numa afropindoramalhadade, como propõe a autora. Da perspectiva dessa interação afropindorâmica, o capítulo aborda grandes referências de liderança, intelectualidade e matripotência na trajetória de mulheres negras e indígenas de ontem — que nos são memória viva e presente — e de hoje, em continuidade àquelas que nos abriram caminho em tantos campos de existência e resistência.

No segundo capítulo, Flávia Alessandra de Souza revela suas histórias-tesouros — entre encontros, alianças e partilhas amorosas, sonoras e potentes de mulheres negras. Em sua escrita-reverência, que nos leva ao quintal da avó, aos auês de família preta e às histórias cuidadas pelas mais velhas, tece seu conceito de entrançamento, que fala das redes de relações forjadas por mulheres negras, como tecnologias ancestrais. Trajetórias que se encontram, ou melhor, entrançam-se, compondo-se umas às outras. O trançar, que começa pelos cabelos da avó e se faz saber constituído por meio dos sentidos, torna-se possibilidade epistemológica. É o movimento que traduz a dinâmica das relações sociais que crescem em torno do quintal de família, lugar uterino onde a vida é gestada e nutrida por laços de solidariedade, musicalidade e partilha.

No terceiro capítulo, Ana Cristina Conceição Santos e Maria Aparecida Silva constroem magistralmente uma autoetnografia negra e feminista enquanto proposta teórica, metodológica, analítica e política. As trajetórias de duas mulheres negras lésbicas e professoras se confluem em afeto, luta e, finalmente, escrita. A escrevivência elaborada a quatro mãos é, em si, movimento de ruptura do apagamento de existências que não cabem na caixa da branquitude cis-heteronormativa. Na medida em que constituir-se como mulher pode se dar em processos muito diversos, a reflexão sobre as experiências vividas individual e coletivamente é também a visibilização das histórias de muitas de nós — e de muitos dos nossos nós, que, como no caso das autoras, moldam a vida, as relações, as estratégias e os caminhos.



No quarto capítulo, Elisângela de Jesus Santos concebe o parto como um campo de disputa política e epistêmica — mas também como porta de ancestralidade e de reexistência — a partir do qual reflete sobre a experiência da gestação e do nascimento no Brasil. De uma perspectiva interseccional — articulando gênero, raça, classe e geração —, a autora problematiza a colonialidade do ser-saber-poder que estrutura as práticas de cuidado em saúde reprodutiva. Nesse cenário, fica evidente o racismo obstétrico como prática institucionalizada e expressão do cuidado colonial, responsável por produzir violência, negligência e elevados índices de mortalidade materna evitável entre mulheres negras.

Em contraposição a essa realidade, o capítulo também afirma o protagonismo das mulheres negras como força de ruptura, cura e reinvenção da existência, ressaltando a centralidade de saberes ancestrais e de práticas de cuidado comunitário historicamente deslegitimadas. Assim, reivindica a importância de epistemologias silenciadas — como aquelas construídas por parteiras, rezadeiras, curandeiras e doulas —, que apontam para a necessidade de uma ética do cuidado fundada na matricentralidade e na construção de uma sociedade que reconheça o bem-nascer como condição fundamental do bem-viver coletivo.

No quinto capítulo, lanço luz sobre alguns princípios do mulherismo africana, refletindo sobre experiências de mulheres negras e africanas nos contextos amefricanos. Um dos princípios destacados é a centralidade da família, o que nos lembra de que as lutas históricas de mulheres negras inevitavelmente passam pela reivindicação da vida de suas comunidades. Nesse sentido, é da perspectiva do reconhecimento pelo outro, do respeito mútuo e da interdependência como fundamentos matriarcais que reflito sobre a responsabilidade coletiva e colaborativa nas lutas por emancipação e construção de um projeto de sociedade.

No capítulo 6, Rosicler Lemos da Silva e Zurema Domingos Mutange aprofundam as discussões acerca da violência sexual contra mulheres negras e indígenas como projeto histórico e ideológico, instaurado pela expansão colonial europeia na África e no Brasil. Tal violência atravessa a construção da identidade nacional brasileira, sustentando hierarquias de gênero, raça e classe que mantêm o corpo das mulheres negras hipersexualizado.

Por outra via, as autoras nos trazem grandes referências dos processos históricos de resistência: do período de escravização aos dias atuais, mulheres



negras e indígenas têm se organizado coletivamente, articulado lutas políticas e construído redes de apoio ancoradas em memórias ancestrais. Pensando no caso de Angola, as pesquisadoras ponderam que a dominação patriarcal é anterior ao capitalismo, ainda que tenha sido intensificada e reconfigurada por esse modo de produção, atendendo à sua lógica no contexto colonial e tornando as desigualdades de gênero, raça e classe ainda mais agudas e naturalizadas.

No sétimo capítulo, Giselle dos Anjos Santos realiza um mergulho histórico nos feminismos negros, refletindo sobre sua capacidade de tensionar, de dentro, movimentos políticos diversos. Dialogando com teóricas e ativistas que partem de contextos geográficos e culturais distintos, o texto evidencia a pluralidade inerente à movimentação política e à produção intelectual das mulheres negras, seja em solo africano, seja além dele.

Assim, leva-nos a refletir sobre os feminismos negros como movimentos globais, marcados por uma luta histórica e ancestral que ganha novos contornos ao longo do tempo. Por conseguinte, a autora também expõe a marginalização das mulheres negras, que tem implicado um epistemicídio interseccional, responsável por silenciar seus saberes, trajetórias e formas plurais de produção de conhecimento. Diante desse cenário, o ativismo intelectual e político das mulheres negras se afirma como estratégia radical de enfrentamento à violência epistêmica e como força de reinvenção do próprio feminismo.

Por fim, no oitavo e último capítulo, Joalice Santos Conceição evidencia a resistência coletiva da população negra como enfrentamento direto a um projeto de necropolítica historicamente estruturado, que se sustenta em um cenário de genocídio permanente. Para a autora, esse projeto é legitimado pela estigmatização, pela naturalização das violências e pela manutenção dos privilégios da branquitude. No centro de suas reflexões estão as mulheres negras e africanas. Joalice compreende-as como sujeitas coletivas fundamentais na luta pela preservação da vida negra. Assim, em diálogo com o mulherismo africano, o capítulo destaca processos organizativos de mulheres negras não apenas como resposta à morte, mas como produção dinâmica de novas gramáticas de vida, dignidade e futuro, sustentadas pela coletividade, pela ancestralidade e pelo compromisso radical com a existência.

Desse modo, seja da ótica dos feminismos, dos mulherismos ou de tantas mais possibilidades de se pensar a movimentação, a luta e a agência feminina negra, as autoras deste volume nos conduzem por caminhos de profundas



reflexões ao centralizar mulheres negras, africanas, amefricanas e afropindorâmincas nos processos fundamentais de resistência da população negra, na nutrição, na manutenção da vida e na construção coletiva de um projeto de sociedade fundamentado no bem-viver.

Mais do que um conjunto de capítulos, este livro constitui um território de encontro de saberes, memórias e experiências. Assim, nas páginas que se seguem, além de debates acadêmicos, apresentam-se gestos de continuidade histórica, reverência ancestral e compromisso político, nos caminhos gestados, abertos e nutridos por mulheres negras — ontem e hoje.

Ayni Estevão de Araujo

1. Princesas brancas, rainhas negras: outras mulheres, outras nobrezas

Kaká Portilho

Somente escuridão! De olhos fechados, sinto a orientação de uma terapeuta junguiana durante a sessão coletiva de psicologia analítica. O ano é 2003. Ouço a narrativa que nos leva a uma densa floresta. Rodeada pelo desconhecido, ouço apenas o trote de um cavalo, que evoca sons muito familiares. A floresta, com suas infinitas vozes, pode me oferecer algum perigo? Sobre um cavalo branco, um homem se aproxima. Como você imagina esse homem? O adestramento disfarçado de educação nos ensinou que a floresta é selvagem, a mulher é frágil e os heróis e príncipes salvadores são brancos, altos, com corpos esculpidos na cosmologia greco-romana, montados em cavalos de raças “puras”, branquinhos como as mais alvas nuvens...

Ao longo da minha trajetória como ser humano nesta existência física do presente, fui reconfigurando a imagem da floresta, desadestrando minha mente e permitindo me abrir para horizontes que emergem de dentro de mim. Há muito tempo, a floresta deixou de ser “selvagem” para se tornar o lugar, a paisagem rica em saberes, vozes, diversidade, reciprocidade e troca. O príncipe talvez nunca tenha existido. Esperei por ele até os 7 anos, mas ele nunca teve um cavalo, muito menos sexo biológico definido. E por fim, ser mulher, na minha experiência-mundo, não é sinônimo de fragilidade.

Na verdade, nunca me assemelhei a nenhuma princesa de contos de fadas hollywoodianos. No contexto dos contos, as princesas tinham descendência europeia, olhos azuis, eram semelhantes às mulheres vitorianas de pele branca, cabelos lisos ou levemente ondulados, ficavam sempre à espera de um salvador.